

# Casos de gramaticalização na variante mexicana do espanhol: perda de designação referencial de “le”.

**Viviane Conceição Antunes Lima**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)  
viviane.antuneslima@gmail.com

**Resumo:** Este trabalho exibe um estudo sobre o comportamento do átono “le” na variante mexicana. Orientando-nos pelo viés funcionalista e valendo-nos de realizações provenientes do *corpus El Habla de Monterrey* (ALFANO, 2000) e da página da *Organização Editorial Mexicana* (2009), ambicionamos: i) apresentar o desenvolvimento do átono “le”, sob a luz dos estudos de gramaticalização; ii) sublinhar especificidades de seu uso em contextos de perda de designação referencial; iii) evidenciar a relevância do conceito de subjetivização neste processo. Em nossa concepção, o referido item gramatical foi reanalisado sintática e semanticamente, estendeu-se a novos contextos de uso e, depois de gramaticalizado, passou a atuar também como partícula intersubjetiva.

**Palavras-chave:** funcionalismo; gramaticalização; variante mexicana; casos de despronominalização do átono ‘le’.

## Introdução

Para entender as etapas de gramaticalização pelas quais passou o pronome átono ‘le’ na língua espanhola e tecer considerações sobre seus usos não-referenciais na variante mexicana, decidimos pautar-nos no modelo funcionalista norte-americano, uma vez que, assim como seus representantes, acreditamos que o componente discursivo é peça de fundamental relevância nos ajustes e inovações do sistema linguístico.

Sob o prisma funcionalista, pensar nos processos de mudança de uma língua pressupõe dar atenção à dinamicidade que lhe é inerente. É relevante frisar que não a observamos como um sistema fechado, mas como uma entidade modelada por forças cognitivas, pragmáticas e históricas (HEINE, 1993, p.3). Para explicar os casos de variação e mutabilidade linguísticas, consideramos necessário, portanto, estarmos atentos aos fatores extralinguísticos, à maneira como os falantes concebem o mundo e como se conceptualizam as experiências de vida.

Neste sentido, afirmamos que a atividade comunicativa é a grande motivação para o desenvolvimento do processo de gramaticalização. O uso de formas linguísticas que dá conta de significados concretos, de fácil acesso e claramente definido pode passar a expressar também significados menos concretos, menos acessíveis e de conteúdo menos definido, mais subjetivo. Os falantes se valem de regras (gramaticais, fonológicas e de formação de palavras), rotinizam expressões,

vinculam formas a novos sentidos, possibilitando a geração de novas unidades no inventário da língua.

Este posicionamento reforça a ideia de que a utilização das expressões linguísticas pode tomar novos caminhos semânticos devido a aspectos de caráter pragmático. Buscamos destacar, portanto, que ao se configurar a gramaticalização de itens lexicais ou de construções sintáticas, os falantes lhes atribuem novas funções nas situações de interação em que se inserem. Tais itens lexicais e construções sintáticas, geralmente devido a sua frequência de uso, adquirem novos sentidos e sua recorrência permite que sejam legitimados na práxis discursiva.

Este processo ocorreu com forma átona '**le**', em construções<sup>1</sup> como:

(01) "¡Ándale**le**! / Ésa ...".

(02) "Uno de los que me habían invitado a robar me alcanzó y me dijo: «Córrele que ahí viene la tira»."

(03) "¡Híjole...! ¿Qué será? "

Estes dados guardam usos não são previstos pela norma culta e nos mostram que, nestes contextos, '**le**' é uma forma completamente desprovida de âncora referencial e se apoia em nuances da práxis discursiva, isto é, está a serviço da interação entre os partícipes da situação comunicativa. Em (01) e (02), como podemos observar, o locutor visa influenciar o comportamento do interlocutor, interpelando-o. Em (03), o processo de gramaticalização se encontra em um nível ainda mais avançado, pois não é apenas um sufixo que registra uma relação de intersubjetividade como nos exemplos anteriores, mas, tornou-se, depois de um processo de formação analógica, uma parte integrante da palavra "híjole". Sua base nominal, "hijo"<sup>2</sup>, está distante dos valores atribuídos a "híjole" nos diversos contextos em que é utilizada.

Na realização deste estudo, parte de nossa tese de doutoramento<sup>3</sup>, utilizamos 225 dados provenientes do *corpus* "El Habla de Monterrey" (ALFANO, 2000) e 249 da página da *Organización Editorial Mexicana* (2009)<sup>4</sup>. Convém elucidar que, por uma questão de coerência metodológica, não comparamos os dados orais e os escritos, apenas analisamos as especificidades do emprego não referencial de '**le**' nos contextos apresentados.

Para melhor refletir sobre as questões trazidas a baila, produzimos um artigo que baseado em duas questões fundamentais: na leitura funcionalista da gramaticalização do item '**le**' na variante mexicana e na apresentação das etapas do fenômeno. Não obstante, observaremos, ao longo destas páginas, a importância da subjetividade em sua compreensão.

## 1. O conceito de gramaticalização à luz da vertente funcionalista: breves considerações

Uma definição de gramaticalização endossada nas investigações de MARTELLOTA, VOTRE e CEZARIO (2003, [1996]), de grande valia para este artigo, é a de HOPPER e TRAUOGOTT (2003 [1993]).

<sup>1</sup> (01) "Vamos! Essa..."; (02) "Um dos que tinham me chamado para roubar me alcançou e disse: Corre que aí vem a policial"; (03) "Ih! O que será?".

<sup>2</sup> "Filho".

<sup>3</sup> Programa de pós-graduação (UFRJ, 2009): estudos linguísticos neolatinos.

<sup>4</sup> Coleta de dados autorizada e realizada em 2009 a partir do site: [www.oemonline.com.mx](http://www.oemonline.com.mx).

We defined grammaticalization as the process whereby lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions, and, once grammaticalized, continue to develop new grammatical functions.(HOPPER & TRAUGOTT, 2003 [1993] , p. 15 )<sup>5</sup>

Compreendemos que a definição de gramaticalização como o desenvolvimento de uma forma de um nível lexical a gramatical ou de um nível gramatical a outro mais gramatical se amplia, alça horizontes mais frutíferos aos estudos de variação e mudança linguísticas. Por um lado, devemos a GIVÓN (1979, p.54) a noção de que, a gramaticalização pressupõe a revisão de padrões discursivos em padrões gramaticais<sup>6</sup>. Por outro, é de fundamental importância o que destacaram HOPPER e TRAUGOTT (2003 [1993], p.15): o processo de gramaticalização não se restringe apenas ao percurso de um elemento lexical ao gramatical, mas também ao fato de que um item, depois de gramaticalizado, pode continuar assumindo novas atribuições na língua.

Cumpramos mencionar que há propriedade e coerência na convergência teórica entre a diretriz funcional e os estudos sobre gramaticalização, procedimento característico dos pesquisadores funcionalistas norte-americanos (SILVA-CORVALÁN (2001, p.216)). Tal fato se dá porque o processo de gramaticalização está ancorado em um conceito de língua que valoriza o dinamismo do sistema, totalmente passível de mudanças, como acentuam os estudos de diretriz funcionalista.

As investigações norteadas pelas vicissitudes do processo de gramaticalização são de grande pertinência pelo fato de apontar regularidades no que diz respeito à natureza da conduta linguística e da linguagem humana. A gramaticalização tende a seguir padrões unidirecionais através das línguas e que, de alguma forma, resultam na extensão metafórica dos significados. Deste modo, concluímos que as escalas de abstração metafórica podem compor as cadeias da gramaticalização. Partindo do pressuposto de que a mudança linguística é de caráter semântico-pragmático, podemos assegurar que significados proposicionais podem desenvolver significados textuais e/ou expressivos.

Ao definir o termo "gramaticalização", cumpra ressaltar ainda que se trata de um processo gradual no tocante ao tempo, à sociedade e, principalmente, ao indivíduo, pois a subjetividade é um elemento indispensável ao seu desencadeamento. Os interlocutores são capazes de propor como sujeitos. A subjetividade se trata de uma unidade psíquica que supera o conjunto de experiências vividas e que dá base à permanência da consciência. É uma propriedade essencial da linguagem e que pode ser evidenciada quando um 'eu' se dirige ao outro, a um 'tu'. A dualidade eu ↔ tu move as práticas de uso da língua, conforme apontou BENVENISTE (1995, p.286).

---

<sup>5</sup> Definimos gramaticalização como o processo em que itens lexicais e construções aparecem em certos contextos linguísticos para servir a funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

<sup>6</sup> No caso da despronominalização do item 'le' acoplado a bases verbais, houve a necessidade de marcar na língua, através de um afixo pragmático, a influência do emissor nas atitudes tomadas pelo ouvinte.

## 2. A gramaticalização do 'le' mexicano

O dativo "le", na variante mexicana do espanhol, além de continuar fundamentando a referencialidade em alguns contextos (04), é capaz de registrar noções totalmente subjetivas, expressivas, em outros (05, 06).

(04) "fui y **le** dije a mi **señora** órale vieja."

(05) "... para luego decirle a Miguel Angel que "ya sabes de qué se trata ¿no?, si no quieres que te remitamos al MP, **éntrale** con 500 mil pesos"..."<sup>7</sup>

(06) "fui y le dije a mi señora órale<sup>8</sup> vieja."

Em (05) 'le', despronominalizado, é de caráter intersubjetivo, isto é, oferece dados referente à interação entre os partícipes. Assim, o enunciador interfere nas ações do coenunciador. No que tange ao exemplo (06), 'le', também despronominalizado, está intrinsecamente vinculado à base nominal 'ora'. Apresenta um nível pleno de gramaticalização em termos de subjetividade, devido a sua opacidade.

Existem quatro mecanismos, conforme intitulam HEINE e KUTEVA (2002, p.2), que se inter-relacionam na gramaticalização de formas ou expressões da língua: (i) a **dessemantização** ou redução semântica; (ii) a **extensão** ou generalização contextual; (iii) a **descategorização** ou perda de características morfossintáticas e do status de palavra independente; (iv) a **erosão** ou redução fonética. Cada mecanismo apresentado está atrelado a um aspecto da estrutura da língua ou de seu uso, respectivamente: semântica, pragmática, morfossintaxe e fonética.

Acreditamos que, em determinados contextos, as formas linguísticas de significados concretos ('le' clítico pronominal, por exemplo) podem ser reinterpretadas e sinalizar significados gramaticais mais abstratos ('le' desprovido de âncora referencial, como em (05)). De certo modo, formas que possuem duas ou mais funções gramaticais poderão perder seu valor representacional, se dessemantizar. Quando assumem uma nova atribuição na língua, as referidas formas adquirem outras funções de natureza pragmático-discursiva (como pudemos ver em (06)).

A reanálise dos itens mencionados provoca a dessemantização e, em alguns casos, interfere em sua configuração morfossintática. Baseando-nos nas considerações de GARANCHANA CAMARERO (1997, p.123), sustentamos que a reanálise é um mecanismo indispensável à mudança sintática, possui natureza semântica e se fundamenta na referência a processos pragmático-sintáticos que possibilitam a reinterpretação dos constituintes das orações e do discurso.

Así, entenderemos **reanálisis** como una regla de cambio que modifica la configuración morfosintáctica de las unidades lingüísticas mediante procesos de naturaleza

<sup>7</sup> "...para depois dizer a Miguel Angel que "já sabes de que se trata, não?, se não quiseres que te enviemos ao MP, entra com 500 mil pesos."

<sup>8</sup> Neste caso, 'órale' assinala certa chateação por parte do locutor. Tradução: "fui e disse a minha senhora, oh minha velha...".

**abductiva**<sup>9</sup>. Dicha modificación conlleva una alteración categorial de la pieza o piezas afectadas, cambios en el **alcance** de las palabras que se gramaticalizan, así como modificaciones de la movilidad sintáctica de estas. Todos estos cambios repercuten directamente en la estructura de constituyentes y en las relaciones gramaticales entre los elementos que entran en las construcciones que se gramaticalizan. En efecto, a menudo se produce una reorganización de los límites entre los constituyentes de la expresión gramaticalizada y puede llegar incluso a producirse fusión de dos o más formas. (GARANCHANA CAMARERO, 1997, p.124)<sup>10</sup>

Quando um item passa a ser usado em contextos que previamente não era solicitado, se dá o processo de **extensão**. Depois de gramaticalizado, o item tende se tornar cada vez mais divergente, a ser recuperado em contextos mais diversificados. Em decorrência desse processo, perde propriedades de cunho categorial (**descategorização**) e, por conseguinte, além de passar a ser mais frequente e previsível, pode perder substância fonética (**erosão**). A descategorização leva uma forma linguística a fazer parte de um espaço categorial mais fechado e, geralmente, é responsável pela perda de autonomia da mencionada forma. Acompanhemos a figura 1 e verifiquemos os mecanismos que tornaram possível a formação da construção 'jijole'<sup>11</sup>.

(I) 'le'	(II) hijole	(III) jijole
<ul style="list-style-type: none"> <li>- é reanalisado e desemantizado</li> <li>- se estende e passa a ser recorrente</li> <li>- perde suas propriedades referenciais em contextos específicos</li> <li>- fixa o novo uso pragmático-conativo</li> <li>- é acoplado, por analogia, à palavra 'hijo'</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- após formada, não mantém o significado-base de seus constituintes</li> <li>- é geralmente usada como marcador discursivo indicador de surpresa ou assombro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- devido à frequência de uso, 'hijole' sofre alteração fonética</li> <li>- gera-se a forma 'jijole'</li> <li>- as duas formas convivem na variante mexicana</li> <li>- 'hijole' é menos estigmatizada</li> </ul>
<p>Fig. 1. O desenvolvimento da forma "jijole": mecanismos de gramaticalização.</p>		

Haja vista a inter-relação destes mecanismos, é válido deixar claro que os processos de cunho semântico, morfossintático e fonético são afetados pelo fenômeno da gramaticalização, de um modo geral, nesta sequência cronológica. O processo de gramaticalização pode resultar: por um lado, na modificação da complexidade semântica e, por outro, na aquisição de novos valores expressivos; no reajuste pragmático com ganho na significação sintática; numa maior fixidez da ordem; na obrigatoriedade de uso em certos contextos; na coalescência ou em perdas fonéticas.

<sup>9</sup> A abdução aqui é concebida como um mecanismo lógico essencial aos modelos culturais e às vicissitudes da linguagem.

<sup>10</sup> Assim, entenderemos **reanálise** como uma regra de mudança que modifica a configuração morfossintática das unidades linguísticas mediante processos de natureza abductiva. Tal modificação implica uma alteração categorial da peça ou peças afetadas, mudanças no alcance das palavras que se gramaticalizam, assim como assim como mudanças em sua mobilidade sintática. Todas estas mudanças repercutem diretamente na estrutura dos constituintes e nas relações gramaticais entre os elementos que entram nas construções gramaticais que se gramaticalizam. Com efeito, frequentemente se produz uma reorganização dos limites entre os constituintes da expressão gramatical e pode chegar inclusive a produzir-se fusão de duas ou mais formas.

<sup>11</sup> Expressão que assinala surpresa, espanto.

Julgamos preponderante, neste momento, tratarmos, mesmo que rapidamente, da **coalescência**, porque é algo que caracteriza as construções complexas aqui analisadas, tais como: 'ándale (01)', 'córrele (02)', 'híjole (03)', 'éntrale (05)', 'órale (06)'. A coalescência, uma das últimas etapas do processo de gramaticalização, é caracterizada pela fusão de morfemas em uma só palavra devido à rotinização, responsável por conduzir os itens a uma reanálise como uma única unidade de sentido.

Nos exemplos (03) e (06), a reanálise é ainda mais subjetiva, tendo em vista que o significado das bases ('hijo' e 'ora', respectivamente) se perdeu no processo de coalescência. No que concerne a (01), (02) e (05), 'le' funciona como um afixo intensivo-conativo e ainda é possível, ancorados no contexto de uso, vislumbrarmos resquícios dos sentidos mais recorrentes das bases.

Acreditamos que a gramaticalização leva uma forma a abrigar novos sentidos, assim como ocorreu com o clítico "le". À proporção que aumenta o grau de gramaticalização de um item da língua, aumenta também seu grau de generalização semântica e sua dependência contextual. Além de ter se descaracterizado, pois era usado como um elo coesivo e passou a funcionar também como um item do discurso, sob uma mesma forma "le" alicerça diferentes funções. Em uma leitura pancrônica, algo do "le" prototípico se manteve na sua inovação: a marca da subjetividade interacional.

Essenciais à nossa análise, os mecanismos e os princípios aqui apontados caracterizam os processos de gramaticalização. De caráter histórico e dinâmico, estes podem promover, por um lado, novas codificações de forma e significado, mais previsíveis, mais propensos às restrições do sistema linguístico, mais fixas e, por consequência, menos livres (como no caso das conjunções, preposições ou clíticos). A gramaticalização, neste sentido, contribui para a economia linguística e para o ajuste entre os conteúdos cognitivos e suas designações.

### **3. Etapas de gramaticalização do 'le' mexicano.**

Entendemos a gramaticalização como um processo de mudança. A partir deste processo, o 'le', originalmente clítico dativo referencial, por força da necessidade comunicativa dos falantes, passou a desempenhar na língua espanhola novas funções e assim recebeu a atribuição na variante mexicana de codificar nuances da relação intersubjetiva da práxis discursiva.

Decorre destas considerações que o estudo da gramaticalização não tem o propósito de remontar a história das línguas, mas é uma maneira de compreender o desenvolvimento das formas gramaticais e, por conseguinte, entender melhor a mudança linguística em uma perspectiva pancrônica, já que muitos fenômenos que acontecem com a gramática sincrônica encontram motivações em estágios anteriores.

Construímos um quadro sinóptico remontando o desenvolvimento dos fenômenos relacionados com a reinterpretação do dativo, desde a fase medieval até os casos de perda referencial na fase moderna, concernentes à variante mexicana do espanhol. Gostaríamos de dar destaque à ruptura que se realiza nesta área no

século XVIII: as ocorrências do leísmo mexicano<sup>12</sup>, nesta época, conforme assinala COMPANY (2002, p.44), dependem mais de condicionamentos baseados nas especificidades do evento que das propriedades da unidade a ser retomada. Em nossa concepção, este é um dos fatores que pode ter conduzido 'le' ao debilitamento referencial, de produtividade praticamente exclusiva desta zona geoletal. Vejamos:

Tabela 1: Reinterpretação do átono 'le' do século XII ao XX

<b>Fase medieval (Séculos XII e XIII)</b>	<b>Período de transição (Séculos XIV e XV)</b>	<b>Fase clássica (Séculos XVI e XVII)</b>	<b>Fase moderna (Séculos XVIII ao XX)</b>
- Primeiros casos de duplicação, marca de concordância objetiva <sup>13</sup> e leísmo referencial.	- Leísmo referencial recuperando quaisquer entidades (como não-humanas e femininas, por exemplo).	- Expansão e auge do fenômeno de duplicação. - Expansão dos casos de marca de concordância objetiva. - Primeiros casos de construções anômalas com 'se'. - Auge do leísmo referencial (pessoal e não-pessoal). - Fixação de parâmetros para a colocação pronominal.	- Leísmo referencial é bastante expressivo no mundo hispânico. - Leísmo relacional no México. - Auge das construções anômalas com 'se' no espanhol mexicano. - Casos de perda referencial no espanhol mexicano. - Casos de marca de concordância objetiva são bastante representativos no México. - A duplicação é quase categórica no mundo hispano-falante.

Acreditamos que se apresenta aqui uma trajetória de mudança<sup>14</sup>, unidirecional. Assim, o átono 'le':

- (1) se estende a novos contextos de uso e;
- (2) passa a codificar também entidades dativas não-humanas,
- (3) reforça a sua agentividade, duplicando-se;
- (4) se estende ao acusativo, codificando primeiramente entidades masculinas individuadas;
- (5) passa a retomar antecedentes acusativos com outras características (entidades inanimadas, antecedentes no plural e no feminino);
- (6) se desenvolve como marca objetiva de concordância com o verbo;
- (7) se estende ao acusativo, configurando um leísmo relacional no México, mais voltado para as vicissitudes do evento, de baixo nível de transitividade, algo que debilita suas propriedades referenciais;
- (8) perde a designação referencial passando a ser empregado em verbos

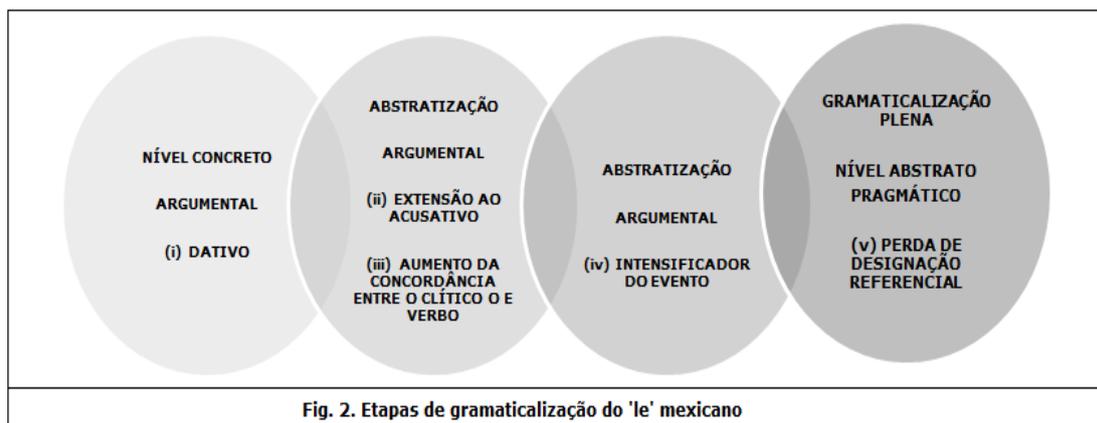
<sup>12</sup> Uso do átono 'le' na retomada de sintagmas acusativos.

<sup>13</sup> Uso de 'le' em alusão a entidades dativas no plural.

<sup>14</sup> Não seria possível traçar esta trajetória sinóptica sem a contribuição dos trabalhos de FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ (1993, 1999), TORRES CACOULOS (2002) e COMPANY (2004, 2006).

intransitivos, adquirindo grande subjetividade e pragmaticidade (em dados como *ándale, póngale...*);  
(9) e se funde a bases nominais, reforçando-lhes o caráter subjetivo.

Compreendemos que a gramaticalização tende a seguir padrões unidirecionais através das línguas e que, de alguma forma, resultam na extensão metafórica dos significados. Deste modo, é válido reforçar que as escalas de abstração metafórica podem compor as cadeias da gramaticalização.



15

Assinalamos que, a língua reflete dados da cognição e, através daquela, os falantes encontram formas de dar relevo ao que é importante à produção de sentidos. Neste sentido, percebemos que de um domínio-origem (argumental) à gramaticalização plena (perda de designação referencial), 'le', que codificava dados concretos, também passou a codificar, metaforicamente, dados abstratos da práxis discursiva. Tal processo singulariza a norma da área geoletal mexicana e guarda traços cognitivos, socioculturais e também identitários, uma vez que a identidade de um indivíduo se fundamenta por meio de sua língua.

#### 4. Observações gerais sobre os dados analisados

Em primeiro lugar, asseveramos que as construções compostas por "nome+le", conforme dissemos em páginas anteriores, surgiram analogicamente, isto é, foram formadas após e em consonância com as construções "verbo+le". No corpus oral, *El Habla de Monterrey* (ALFANO, 2000), as constituídas por "nome+le", conformam 17% do total de ocorrências (37/225). Dos 37 dados corpus oral, 'híjole' e 'órale' somam 98% das realizações.

68% dos dados possuem em sua composição o verbo andar. 'Póngale' também é recorrente, embora em menor proporção. É curioso verificar que há bases verbais que sofreram flexão de número; este fato demonstra que as

<sup>15</sup> Base: COMPANY (2006).

expressões de 'base nominal+le' se acham mais gramaticalizadas que as de base verbal.

Evidenciamos que a pluralização das bases verbais acopladas a 'le' é pouco representativa nos três níveis de escolaridade no corpus oral. Por outro lado, esperávamos que, por conta da vigilância da norma culta, a taxa de ocorrências de 'le' despronominalizado, acoplado a uma base verbal ou nominal, fosse bem menor no discurso dos informantes pós-graduados. Confirmamos nossa hipótese, porém, essas construções ('nome+le', 'verbo+le') são mais recorrentes em dados do ensino fundamental em comparação com os dados dos informantes analfabetos. De acordo com a linha de raciocínio que estamos apresentando, deveria acontecer justamente o contrário. Cremos que uma análise mais apurada e com um universo maior de dados daria conta desta questão.

Na amostra escrita (dados oriundos da Organização Editorial Mexicana, 2009), as construções 'nome+le' conformam apenas 26% das ocorrências (65/249). 'Éjele', 'híjole', 'jijole', 'nójole' e 'órale' funcionam como marcadores discursivos ou pragmáticos. 'Jijole' é mais recorrente em áreas rurais e assinala um caráter depreciativo. 'Órale' e 'nójole' são compostos, respectivamente, pelos advérbios *ahora* (agora) e *no* (não), e pelo átomo 'le'. Todas estas formas já foram automatizadas pelos falantes, ou seja, seus constituintes compõem uma única palavra, em termos de produção de sentido.

'Híjole' e 'órale' são as mais recorrentes construções de base nominal na amostra escrita (23% (57/249)). De acordo com nossos resultados, quando 'le' é acoplado a uma base nominal, seu nível categorial alcança o patamar [+pragmático]. É claramente de cunho subjetivo e está ancorado nas peculiaridades da interação. Por outro lado, verificamos que a produtividade do uso do átomo 'le' como item interpelativo com bases verbais é expressiva. A força interpelativa leva o ouvinte a realizar a ação cujo foco é a interação entre os participantes, não o evento.

As construções de 'base verbal+le' constituem 67% das ocorrências da amostra escrita. Isolamos alguns usos que nos pareceram representativos. São produtivas as expressões 'ándale' (28/249), 'ánde' (18/249). Todavia, não podemos deixar de levar em conta o número significativo de ocorrências de 'base verbal (plural)+le' (25/249) e de 'pásele' (16/249).

Pensávamos que as construções 'nome+le' e 'verbo+le' se apresentariam na escrita como dados de discurso direto, devido a se ancorarem com mais frequência em textos menos formais e serem muito utilizadas na produção de discursos orais. Esta hipótese foi parcialmente confirmada, pois se apresentam também em discursos indiretos e nas próprias considerações dos autores dos textos. Insistimos, inclusive, que tal fato pode ter ocorrido para marcar uma certa cumplicidade com o leitor mexicano, estas construções podem também ter sido usadas como marca identitária. De qualquer forma, pelos resultados apresentados, entendemos que estas realizações são típicas da língua falada e retextualizadas na escrita.

Por fim, cabe ressaltar, reforçando a questão da busca pela cumplicidade com leitor e a necessidade de trazer para o texto o discurso de outrem, que os gêneros discursivos que mais apresentam dados de 'le' não-referencial foram as notícias (53/249) e os textos de opinião (94/249). Conformam 59% dos dados de perda de designação referencial.

## 5. Considerações finais

Na variante mexicana do espanhol, a forma 'le', nos contextos não-referenciais, deixa de retomar elementos dados e passa, como nos casos descritos anteriormente, a reforçar as relações intersubjetivas. Deixa de codificar apenas dados da relação textual e começa a dar conta do nível da interação. Não se vincula apenas ao plano de acessibilidade de itens, mas ao plano interacional, acentuando valores de caráter pragmático, relevantes à produção de sentidos na situação comunicativa.

Os primeiros estudos sobre gramaticalização, já assinalavam que os conceitos abstratos são posteriores aos concretos. Com a evolução destes estudos, podemos também observar formas gramaticais que podem passar a ser ainda mais gramaticais e formas livres que podem tornar-se mais livres, como os marcadores discursivos, por exemplo. Contudo, o uso gramaticalizado de 'le' – não-referencial – é, portanto, posterior ao seu uso concreto, responsável por recuperar itens já apresentados no escopo discurso. Ainda que mantenha sua atribuição textual (concreto) em alguns contextos, em outros desempenha uma função interpessoal (abstrata) e dependente das particularidades interacionais.

Se nos pautarmos em uma perspectiva pragmático-discursiva, cabe dizer que a forma 'le', registra um caso típico de gramaticalização. Esta, em um movimento unidirecional e significativo de mudança, apresenta em espanhol uma escala de gramaticalização, que vai do nível argumental ao pragmático, no qual se sustentam os casos de perda referencial.

Este artigo nos fez refletir sobre o papel da pragmática nos processos de mudança, sobre a validade de um estudo panocrônico nos estudos de gramaticalização e nos levou a lançar um olhar discursivo ao estudo dos clíticos. Além disso, uma vez mais, nos possibilita afirmar que, ainda que se mantenha a unidade no mundo hispânico, a codificação clítica delinea um dos grandes espaços da variação sintática.

## Referências Bibliográficas

ALFANO, L. R. "EL HABLA DE MONTERREY, Base de información para estudios en Ciencias del Lenguaje". México: Promoción CONACYT, 2000.

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Pontes, 1995. p.247-315.

COMPANY, C. C. Gramaticalización y dialetología comparada. Una isoglosa sintáctico-semántica del español. *DICENDA, Cuadernos de Filología Hispánica*, v.20. Universidad Complutense de Madrid: 2002, p. 39-71.

\_\_\_\_\_. Gramaticalización por subjetivización como prescindibilidad de la sintaxis. *Nueva Revista de Filología Hispánica*. Tomo 52, n.1. México: 2004, p. 1-28.

\_\_\_\_\_. Sintaxis histórica de la lengua española. Primera parte: La frase verbal. Fondo de Cultura Económica-Universidad Nacional Autónoma de México. México: 2006, p. 479-564.

FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, I. Leísmo, laísmo y loísmo: estado de la cuestión. In: FERNÁNDEZ SORIANO, Olga. (org.). *Los pronombres átonos*. Madrid: Taurus Universitaria, 1993, p.63-96.

\_\_\_\_\_. Leísmo, laísmo y loísmo. In: BOSQUE, Ignacio e DEMONTE, Violeta (dirs.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999, p. 1317-1397.

GARANCHANA CAMARERO, M. *Los procesos de gramaticalización. Una aplicación a los conectores contraargumentativos*. 1997. 410f. Tese de doutorado. Universidad de Barcelona, Espanha.

HEINE, B. *Auxiliaries*. Nueva York: Oxford University Press, 1993. 162p.

\_\_\_\_\_; KUTEVA, T. *World Lexicon of grammaticalization*. Cambridge University Press, 2002.387p.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E.C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993].276p.

SILVA-CORVALÁN, C. *Sociolingüística y pragmática del español*. Washington: Georgetown University Press, 2001.367p.

TORRES CACUULLOS, R. Le: From pronoun to verbal intensifier. *Linguistics* 40, v. 2: 2002, p. 285-318.

VOTRE, S.J.; CEZARIO, M.M.; MARTELOTTA, M.E. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: 2004, Faculdade de Letras / UFRJ.143p.